

## TÍTULOS: PROCESSOS INFERENCIAIS NA (RE) CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DO TEXTO

**Nadiana Lima da Silva\***

Universidade Federal de Pernambuco

### **Resumo**

Propomos, nesta análise, discutir como é possível proceder na construção dos sentidos do texto, a partir do título, e como se caracterizam as estratégias que permitem a relação entre os conhecimentos pessoais arquivados na memória do leitor com as informações do texto. Para tanto, servimo-nos dos resultados de uma pesquisa, que realizamos entre alguns alunos dos ensinos fundamental, médio e superior, que consistia em atribuir um título a um texto. Além disso, dispomos de um *corpus* formado por 30 títulos, coletados em revistas de grande circulação.

Palavras-chave: compreensão, estratégias sociocognitivas, títulos.

### **Abstract**

In this analysis, our intention is to demonstrate how we proceed in the construction of text meanings, starting from the title, and to describe some strategies that allow the interchange between the personal knowledge filed in the memory of the reader and the information of the text. We present the results from research carried out with middle school, high school and higher education students whose task was to give titles to a text. We used a corpus of 30 titles, selected from magazines of large circulation.

Key- words: comprehension, sociocognitives strategies, titles.

---

\* Trabalho apresentado no XXVII Encontro Nacional dos Estudantes de Letras e orientado pela professora Márcia Mendonça (UFPE). Esta é uma versão adaptada do trabalho desenvolvido pelas alunas Aline Guedes, Dayse Maciel e Nadiana Lima, na disciplina Língua Portuguesa 8 (UFPE/ 2006.1).

## Considerações iniciais

Considerando a compreensão como um processo inferencial, em que os sentidos do texto são sócio-interativamente construídos por sujeitos ativos numa ação colaborativa, percebemos a intensa mobilização de conhecimentos de natureza variada por parte do leitor/co-autor, especialmente na leitura dos títulos. Diante disso, propomos, nesta análise, discutir como as possibilidades de se proceder na construção dos sentidos do texto, a partir do título, e observar as características das estratégias que permitem a relação entre os conhecimentos pessoais arquivados na memória do leitor com as novas informações do texto.

Como *corpus* deste trabalho, escolhemos títulos dos mais diversos gêneros, veiculados em revistas de grande circulação e classificados segundo a tipologia de Aguiar (2002). Além disso, servimo-nos dos resultados de uma pesquisa que realizamos entre alunos dos ensinos fundamental, médio e superior, que consistia em atribuir um título a um texto.

Para fundamentar nossa análise, baseamos-nos nos estudos de Koch (2006, 2002, 1997), de Marcuschi (2005), de Kleiman (1993), Aguiar (2002) e Van Dijk (1992).

## I. A título de fundamentação...

Ao falarmos em leitura<sup>2</sup>, faz-se necessário definir quais concepções de língua, de sujeito, de texto e de sentido são consideradas. A esse respeito, Koch (2002) afirma que há três possíveis concepções de língua: 1) como *expressão do pensamento*, em que o sujeito é psicológico e o texto é um produto lógico da identificação das idéias e intenções do autor; 2) como estrutura, em que o sujeito é determinado pelo sistema (“assujeitado”) e o texto é o produto codificado pelo emissor que deve ser decodificado pelo receptor; e 3) como interação, em que os sujeitos são construtores sociais, que dialogam com o texto, que passa a ser visto como resultado da interação entre texto e interlocutores.

Ao adotarmos a primeira concepção de língua, conseqüentemente, a leitura passa a ser vista como uma prática em que se extraem as idéias do autor, sem que haja necessidade de mobilizarmos conhecimentos diversos, frutos de nossas experiências. Ao considerarmos a segunda concepção, tem-se a leitura como uma atividade que exige do leitor a identificação de estruturas do texto. É preciso, apenas, decifrar o significado das palavras. Em ambas, apenas supomos a intenção do autor e as estruturas do texto. Se encarmos a língua como uma atividade interativa (terceira concepção), no entanto, temos a leitura como um processo complexo e interativo, que exige um papel interacionista do interlocutor.

Assim, considerando essa última concepção, temos a compreensão como um processo inferencial, em que “os falantes ou

---

<sup>2</sup> Consideramos, neste estudo, os termos *leitura* e *compreensão* como sinônimos.

ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica”. (MARCUSCHI, 2005, p.158). Dessa forma, no processamento textual, o leitor competente ativa diversos conhecimentos (lingüísticos, enciclopédicos e interacionais) e utiliza várias estratégias sociocognitivas, como comparações, avaliações e inferências sobre os dados que vão sendo apresentados no decorrer da leitura.

## 2. Título: encabeçando a discussão

Os títulos são componentes textuais que, além de despertarem o interesse do leitor e resumirem o assunto global do texto, (re)orientam cataforicamente o sentido, se considerarmos o contexto de leitura (de uso). Pela posição de destaque, os títulos permitem as primeiras ações estratégicas por parte dos sujeitos, que levantam hipóteses e suposições acerca do conteúdo do texto. Essas podem ser confirmadas ou reformuladas (caso sejam rejeitadas as primeiras suposições) posteriormente. Não raro, os títulos também fazem ligações com elementos externos ao texto, que podem ser identificados com a ativação de alguns *frames* por parte do interlocutor.

Segundo van Dijk (1992), para compreendermos bem um texto e apreendermos a *significância do discurso* (DIJK, 1992, p.50), não se deve considerar apenas a superfície lingüística, o nível local de orações e sentenças – o que autor denomina *microestrutura*. É necessário, conforme explica o estudioso, que se leve em conta o nível global do texto. Além da estrutura semântica local, todo discurso apresenta um teor global, uma *macroestrutura* (JONES, 1977; VAN DIJK, 1972, 1977, 1980 *apud* VAN DIJK, 1992), uma vez

que falamos a respeito de um tópico, de um tema ou de um resumo de um discurso, noções essas que, certamente, não estão relacionadas a proposições individuais. Assim, a macroestrutura constitui-se a partir de reconstruções teóricas de noções como a de “tópico” de um discurso, que se configura, no próprio texto, na forma de sumários, anúncios, títulos etc. Esse processo intuitivo, em que o discurso é topicalizado e, para isso, as proposições são selecionadas, reduzidas, generalizadas e reconstruídas, dá-se através do que o autor chama de *macrorregras*, por meio das quais podem ser suprimidas as informações de relevância local que não estejam atreladas à compreensão do restante do discurso. Segundo van Dijk (1992), essas macrorregras podem operar somente com base no conhecimento de mundo, o que pode interferir na apreciação dos sujeitos na consideração do que é mais importante para o discurso ou na construção da macroestrutura<sup>3</sup> (significado global) que pode apresentar, portanto, variações.

Em um relevante estudo sobre a função dos títulos, Aguiar (2002) distingue, a partir dos resultados de sua pesquisa, seis tipos de títulos: *nominais, oracionais (ou verbais), adverbiais, adjetivais, preposicionais e interjetivos*. Os títulos nominais, segundo a autora, caracterizam-se por possuírem como núcleo um substantivo, que pode possuir determinantes ou modificadores. Já os oracionais, são aqueles que apresentam, necessariamente, um verbo. Do mesmo modo, os títulos adjetivais apresentam um ou mais adjetivos como núcleo; os adverbiais, advérbios ou locuções adverbiais; os preposicionais, uma preposição acrescida de um sintagma nominal; e,

---

<sup>3</sup> Para van Dijk, a macroestrutura é normalmente expressa pelo resumo e “operacionalmente falando, os discursos que não se prestam a resumos não têm macroestrutura ou a têm muito fragmentariamente” (VAN DIJK 1992, p.52).

finalmente, os interjetivos, uma interjeição. Segundo Aguiar, os tipos de títulos mais correntes são os nominais e os verbais, por serem mais informativos que os demais.

### 3. Detalhando a pesquisa

Esta pesquisa divide-se em dois momentos: 1) a análise de alguns títulos atribuídos a um texto-base por alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série da rede pública (52 alunos), da 8<sup>a</sup> série da rede privada (31 alunos) e dos 1<sup>o</sup> ao 3<sup>o</sup> períodos de cursos de graduação (ciências contábeis e administração, totalizando 33 alunos) da UFPE, a partir do texto-base “A enchente” (reproduzido abaixo); 2) a análise das estratégias usadas por alunos da graduação de Letras (6<sup>o</sup> período) na leitura de alguns títulos retirados de revistas de grande circulação (*Veja, Época e Língua Portuguesa*).

---

(título)

Quando percebi, tudo já havia acontecido. O rádio ficou mudo e, apesar de mais pessoas estarem por perto, lá estava eu, sozinho com meus pensamentos...

O frio que eu sentia era diferente. Entrava pela pele e doía nos ossos, fazendo meu corpo todo tremer. Desapertei a gravata e tirei o paletó. Tentei manter a calma e abri lentamente a janela. Com muito esforço, saí, mas não conseguia perceber exatamente onde eu estava. Meus movimentos eram lentos e desajeitados.

Já não me importava com coisas materiais... meus documentos, dinheiro, meu carro ou qualquer coisa assim. Consegui tirar os sapatos, que me

incomodavam muito, e tentei me dirigir para a única direção onde provavelmente encontraria um poste. Foi quando vi a mulher tentando pegar o cachorro: comecei a rir sem parar e apoiei meu corpo cansado em cima de um muro. Passou por mim um garoto assustado puxado por seu pai, um guarda com uma velhinha e um rapaz tranqüilo que aparentemente me conhecia, pois disse um “oi, tudo sob controle aí?” e foi embora.

Nesse momento, comecei a entender como o trágico mora perto do cômico! Aos poucos, consegui chegar a uma padaria que recebia quase todo mundo que escapava. Tomei um conhaque e, como bom brasileiro, fiquei trocando idéias e procurando soluções para os problemas do mundo com meus novos amigos...

(In: Cócoco e Hailer, *Análise, linguagem e pensamento*. São Paulo: FTD, 1995: 38)

## 4. Primeiro momento da pesquisa

### 4.1 Metodologia

Levando em consideração que, ao lermos um texto, procuramos elementos ligados aos títulos para a apreensão do tema (KLEIMAN, 1993), procuramos verificar como se daria a produção de títulos a partir de um texto-base. Diante disso, pedimos para que os alunos das séries anteriormente citadas (totalizando 116 alunos) atribuíssem um título ao texto-base, que foi produzido propositadamente de forma vaga no que diz respeito à cadeia referencial. Vale salientar que os alunos não receberam nenhuma orientação quanto a qualquer aspecto da produção de títulos, como ‘produzam títulos coerentes com o texto’, ‘produzam títulos que reflitam o tema global’ etc.

Diante das produções dos alunos, procuramos dividir os títulos em dois grandes grupos: os que mais se aproximaram do título original e os que não. Vale ressaltar que, como o texto-fonte foi produzido de forma propositalmente vaga (como já afirmamos anteriormente), a diversidade dos temas apreendidos a partir dos títulos feitos pelos alunos, assim como a não-correspondência ao original, de alguma forma, já eram, por nós, esperadas. A divisão estabelecida é uma estratégia metodológica que visava à observância quantitativa da produção; a distinção, portanto, não reside na dicotomia “erro”/“acerto”.

Para considerar a proximidade ao título original (A enchente), estabelecemos como critério a presença da categoria catástrofe, devido a um fenômeno natural subjacente ao título. Não consideramos os aspectos gramaticais, apenas o conteúdo semântico. Percebemos que, dos títulos que se distanciavam (88,7% do total, que corresponde a 103 títulos), três que os permeavam eram categorias predominantes: vida após a morte (11,7% do total), superação de algum problema (36,9% do total) e solidão/angústia (29,1% do total).

Utilizando-nos, ainda, da tipologia proposta por Aguiar (2002), verificamos que 63% dos títulos produzidos pelos alunos eram nominais, seguidos pelos títulos verbais (21%), adjetivais (9%), adverbiais (6%) e preposicionais (1%). Não houve títulos interjetivos.

#### *4.2 Breve discussão acerca dos resultados*

Mesmo sem orientação quanto à produção de títulos, e sem uma exposição da função estratégica que estes possuem em relação ao texto, os alunos produziram títulos que acreditavam atribuir

sentido ao tema global do texto e, portanto, utilizaram principalmente a estratégia de sumarização. Alguns exemplos demonstram que os alunos identificaram os elementos da microestrutura (“*Sozinho com meus pensamentos*”) e, tentando estabelecer alguma relação com o sentido macro do texto, fizeram inferências e suposições acerca do assunto (“*O despertar para uma nova vida*”, “*A vida após a morte*”). Além disso, o fato de terem produzido predominantemente títulos nominais e verbais corrobora a idéia de que, como são componentes textuais e de alguma forma adiantam o conteúdo do texto, os títulos, para os alunos, devem ser informativos. Outra hipótese a ser considerada é o fato de os alunos entrarem em contato, mais freqüentemente, com estes tipos de títulos (nominais e verbais), já que são os mais comuns.

## 5. Segundo momento da pesquisa

### 5.1 Metodologia

O segundo momento desta pesquisa girou em torno de dois eixos: 1) levantamento do *corpus* e 2) análise das estratégias utilizadas na leitura dos títulos. Primeiramente, escolhemos 30 títulos<sup>4</sup>, dos mais diversos gêneros, veiculados em revistas de grande circulação. Usamos como critério para escolha, predominantemente, títulos que fossem *ambíguos*, ou seja, permitissem leituras variadas, por parte dos alunos, visto que outros elementos colaboradores no processo de compreensão não foram considerados (imagem/ilustração, recursos

---

<sup>4</sup> A relação completa dos títulos coletados está em anexo.

tipográficos, suporte, autor do texto, gênero, etc). Reproduzimos os títulos coletados em pequenos cartões e entregamos um título para cada aluno (graduação de Letras, 6º período). Ao ler o título em voz alta, os alunos passaram a fazer suposições acerca do conteúdo do texto, o que evidencia o papel ativo do leitor.

### 5.2 Alguns títulos na berlinda

Tomemos como exemplo o título nº 1 (“*Bacon faz bem à saúde*”). Ao deparar-se com esse exemplo, um aluno considerou um significado da palavra *bacon* – tocinho defumado – e supôs que o texto, provavelmente, tratava de novos estudos acerca da composição deste alimento que comprovavam nutrientes que faziam bem à saúde. Percebemos, neste caso, a mobilização dos conhecimentos de mundo por parte do interlocutor, possível a partir de inferências e pressuposições. Na verdade, o texto tratava de uma mostra com os retratos do pintor Francis Bacon. Se estivesse com o texto em mãos, o leitor continuaria a leitura e passaria a situar o evento comunicativo a partir de outros modelos mentais.

No caso do título nº 9 (“*Outra dos ingleses: o rei é gay?*”), muitas suposições foram estabelecidas pelos alunos. Alguns deles atentaram para o termo “outra” e, ao ativarem o conhecimento enciclopédico que apresentavam, pressupuseram que algum fato já tinha ocorrido anteriormente, que “outra” tem o mesmo teor semântico de “mais uma” e que normalmente é usado quando alguém “apronta”. Assim, passaram a considerar a idéia de que são correntes esses acontecimentos entre os ingleses. Mas não qualquer inglês. Os alunos passaram a situar o enunciado no contexto da monarquia inglesa logo em seguida, quando é mencionado o rei.

Finalmente, ativando os conhecimentos lingüístico e ilocucional, reconheceram a função do sinal de interrogação e perceberam o propósito comunicativo do autor (sugerir que o rei é gay ou deixar que a dúvida pairasse), respectivamente. De fato, neste caso, a maior parte dos alunos partiu de um mesmo modelo da situação sobre a qual o discurso versa, já que o texto aborda o fato de um camareiro ter afirmado, publicamente, que tinha visto o herdeiro do trono britânico na cama com o mordomo.

Finalmente, levemos em consideração o título nº 14 (“*Vejo, logo desejo*”). Antes de apresentarem quaisquer considerações a respeito do assunto do texto, vários alunos mencionaram o fato de o título em questão ser intertextual, por recuperarem o enunciado-fonte “Penso, logo existo”, atribuído a René Descartes. Diante disso, alguns desses alunos passaram a supor que o texto, utilizando-se de teorias filosóficas, trataria do tema “desejo” (sexual, arriscaram alguns). Outros, passaram a acreditar que o texto abordaria alguns sintomas ou características de um distúrbio compulsivo, como a cleptomania ou a gula. Percebe-se, então, que os alunos-sujeitos, nessa interação, demonstraram recuperar em suas memórias modelos mentais diferentes, o que permitiu variadas possibilidades de compreensão. Na verdade, o título em questão vincula-se a uma resenha sobre o filme “Moça com brinco de pérolas”, inspirado em um quadro homônimo do pintor Johannes Vermeer (do século XVII). Segundo a resenha, não há nada mais erótico do que olhar e ser olhado (afirmação que se deve ao fato de, no filme, o pintor Vermeer se encantar pela empregada que serviu de modelo para o quadro).

## **Considerações finais**

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que, na leitura de um texto, especialmente na leitura de títulos, mobilizamos conhecimentos de natureza variada e nos utilizamos de diversas estratégias sociocognitivas. A partir desse pressuposto, procuramos demonstrar como se dá a leitura de textos sem o título e a leitura deste na suposição do conteúdo do texto. Consideramos que, dentre outras estratégias utilizadas na produção e na leitura de textos, comumente, o título tem desempenhado, no contexto de produção, função anafórica (já que, normalmente, atribuímos título depois da produção do texto) e, no contexto de leitura, função catafórica (já que podem orientar a leitura).

Assim, tendo em vista os resultados apresentados, concluímos que, de fato, os títulos orientam a leitura e, a partir deles, é possível construir inferências a respeito do conteúdo do texto. Também pudemos demonstrar que os sujeitos, nesse processo inferencial, operam a partir de modelos mentais distintos, o que permite leituras diversas de um mesmo tópico discursivo. Dessa forma, podemos encarar a questão título-compreensão textual como um contínuo de possibilidades. Por outro lado, na leitura de um texto sem título, podemos inferir que a tendência é construir títulos que reflitam o assunto/tema global do texto, o que também está em sintonia com os pressupostos teóricos apresentados.

## Referências

- AGUIAR, T.M.T. de. (2002); DIONISIO, Angela Paiva; Universidade Federal de Pernambuco; Departamento de Letras. *Títulos, para que os quero?*. Recife.
- KLEIMAN, A.(1993).*Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes.
- KOCH, Ingedore G.V. (1997).*O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_. & ELIAS, V. M. (2006). *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.
- MARCUSCHI, L. A. (2005). *Análise de Gêneros e Compreensão*. Recife: Departamento de Letras, UFPE.
- Van DIJK, T.A. (1992). *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto.

**ANEXO**

1.	<b>“Bacon faz bem à saúde”</b> (p. 130, Veja 06/08/03)	16.	“Quentinhos e coloridos” (p. 105, Veja 26/05/04)
2.	“O sorriso de Lula Lisa” (p. 47, Veja 5/05/04)	17.	“Afasta de mim este cálice” (p. 36, Veja 19/05/04)
3.	“Doutor, me ouça!” (p. 85, Veja 05/05/04)	18.	“Yes, queremos ser sexy” (p.86, Veja 19/05/04)
4.	“Tal filho, tal pai” (p.108, Veja 05/05/04)	19.	“Não é o Russell” (p.115, Veja, 19/05/04)
5.	“Economia verde no vermelho” (p.121, Veja 05/05/04)	20.	“Eu uso sim. E daí?” (p.56, Veja 12/05/04)
6.	“Retrato em preto-e-branco” (p.75, Veja 21/04/04)	21.	“Para agradar a gregos e troianos” (p.96, Veja, 12/05/04)
7.	“O fim da vista cansada?” (p. 78, Veja 21/04/04)	22.	“Uma tradução nada mecânica” (p.60, Língua Portuguesa, nº 5/ 06)
8.	“Receita para ser Gisele” (p. 123, Veja 29/10/03)	23.	“A técnica ‘passarinho’ da ironia fina” (p.25, Língua Portuguesa, nº 8/ 06)

9.	“Outra dos ingleses: o rei é gay?” (p. 74, Veja 19/11/03)	24.	“A paz do primeiro emprego” (p.75-76, Época, 06/06/05)
10.	“Faça um colchão de segurança” (p.20, Veja 03/03/04)	25.	“Com o curinga na manga” (p. 39, Língua portuguesa, nº 8/06)
11.	“Cruci-ficção” (p.57, Veja 03/03/04)	26.	“Entre o nome e a coisa” (p. 26, Língua Portuguesa, nº 9/06)
12.	“A língua eletrônica” (p. 94, Veja 09/06/04)	27.	“Para mim fazer?” (p. 51, Língua Portuguesa, nº5/06)
13.	“Precaução desde a infância” (p.78, Veja 2/06/04)	28.	“Sobre livros e teclados” (p. 4, Língua Portuguesa, nº 5/06)
14.	“Vejo, logo desejo” (p.131, Veja 2/06/04)	29.	“Quando o gênio sai melhor que a encomenda” (p. 31, Língua Portuguesa, nº08/ 06)
15.	“ ‘O estado sou eu ’ ” (p.54, Veja 26/05/04)	30.	“No rastro do brasileiro” p. 61, Língua Portuguesa, nº 9/ 06)